

PERFIL DE IDOSOS DIAGNOSTICADOS COM AIDS NO BRASIL

Jussara de Lucena Alves ¹
Kríssia Jessélia de Souza Bezerra ²
Laiz Correia Arruda ³
Bruna Gabrielle de Sousa Costa ⁴

RESUMO

No Brasil, a AIDS configura como grave problema de saúde pública com crescimento no número de casos entre homens e mulheres com faixa etária de 60 anos ou mais nos últimos anos. Realizou-se um estudo descritivo e transversal que tem por objetivo descrever o perfil de idosos diagnosticados com AIDS no Brasil, nos anos de 2010 a 2019, por meio de banco de dados do DATASUS/MS. Foram analisadas variáveis relativas ao sujeito e correlacionadas às notificações de AIDS, bem como a distribuição dos casos segundo as regiões de residência do idoso e à origem dos dados (SINAN, SIM, CISCEL). Foram registrados 19,373 casos no período estudado, sendo 2018 o ano de maior notificação. Homens heterossexuais com faixa etária entre 60 e 69 anos perfizeram os maiores índices, indivíduos de cor branca e com ensino fundamental incompleto também representaram a maioria das informações encontradas, porém atenta-se para o alto número de dados ignorados quanto a essas variáveis. Quanto às regiões brasileiras, o sudeste concentrou o maior número de casos. Referente ao sistema que fornece dados DATASUS, observou-se que o SINAN foi o que mais forneceu informações ao DATASUS. A pesquisa pode orientar serviços e profissionais da saúde para ações que promovam qualidade de vida e promoção à saúde a idosos portadores de AIDS, além de servir como instrumento de orientação para educação dos longevos, para que assim, possam desfrutar da sexualidade de maneira segura e empoderada.

Palavras-chave: Idoso, AIDS, HIV, Envelhecimento.

INTRODUÇÃO

O Brasil vive um período de acelerado envelhecimento demográfico, com importantes implicações para indivíduos, famílias e sociedade. Segundo a OMS até 2025 o Brasil será o sexto país do mundo em número de idosos. De acordo com a mesma, idoso é todo indivíduo com 60 anos ou mais em países em desenvolvimento, e com 65 anos ou mais em países desenvolvidos.

O envelhecimento é resultado de impactos moleculares e celulares, que levam a diminuição gradual de sua funcionalidade, o que impactam física e mentalmente, que podem levar a ocorrência de doenças e até a morte (OMS, 2015).

¹ Mestre em gestão e Inocação em Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte- RN, jussaradelucena@gmail.com;

² Graduanda pelo Curso de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, krissia.bez@gmail.com;

³ Graduanda pelo Curso de Medicina da Faculdade de Medicina de Olinda- PE, laizc.arruda@gmail.com;

⁴ Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal de Alagoas - AL, brunagabrielle17@hotmail.com;

Porém, há aspectos que influenciam nesse padrão de envelhecimento desde herança genética, ambientes físicos, sociais e econômicos que podem interferir positivamente ou negativamente. Contudo tem-se observado mudanças nos paradigmas do envelhecer enquanto algumas pessoas apresentam fragilidade, outros indivíduos com a mesma idade gozam de uma boa saúde. Essa dicotomia está associada com transições no estilo de vida, a aposentadoria, mudança para uma moradia mais apropriada, família, gênero, etnia entre outros (OMS, 2015).

Com o aumento da expectativa de vida e conseqüentemente longevidade gera-se o desafio de lidar com esse processo, proporcionando estrutura nas políticas públicas voltadas para os idosos, bem como priorizar a qualidade de vida, levando em consideração as mudanças no cenário econômico, sanitário e social que inclui a sexualidade como um direito do idoso (OMS, 2015).

No tocante da sexualidade do idoso essa é tratada por século pela sociedade com preconceitos e mitos, levando a crenças que idosos são pessoas assexuadas. É preciso compreender que é inerente ao indivíduo a sexualidade, e que os idosos cada vez mais se beneficiam de mudanças no padrão de vida, com os avanços científicos e tecnológicos vivenciam experiências que prolongam a vida sexual ativa, em associação com a desmistificação do sexo. (ALENCAR *et. al.*, 2014). Estudos apontam que 74% dos homens e 56% das mulheres casadas mantêm vida sexual ativa após os 60 anos (BRASIL, 2006).

Contudo mantendo-se ativos por mais tempo, os idosos apresentam-se mais vulneráveis as infecções sexualmente transmissíveis (IST) que são causadas por vírus, bactérias ou outros microrganismos. São transmitidas, principalmente, por meio do contato sexual (oral, vaginal, anal) sem o uso de camisinha masculina ou feminina, com uma pessoa que esteja infectada (BRASIL,2020).

Entre elas HIV/AIDS o que é preocupante visto que o Vírus da Imunodeficiência Humana - HIV destrói os mecanismos de defesa naturais do corpo humano e permite que as mais variadas doenças nele se instalem, constituindo-se a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida - AIDS (AFFELDT; SILVEIRA; BARCELOS, 2015).

Nesse cenário, a AIDS é uma doença emergente, grave, causada pelo retrovírus HIV, que se alastra rapidamente pelo mundo desde 1981, e se tornou um dos maiores problemas de saúde pública no Brasil e no mundo (SILVA *et al.*, 2010).

No Brasil, a AIDS tem se configurado como um problema de Saúde Pública pelo aumento da circulação do vírus na população em geral, sendo que, na última década, foram notificados no

Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), 194.217 casos de infecção pelo vírus HIV no Brasil. Ademais, houve uma ascendência do número de detecção destes entre homens e mulheres com faixa etária de 60 anos ou mais nos últimos anos. Com isso, demonstra-se que, apesar da concentração dos casos de AIDS ser mais elevada entre jovens, a taxa de detecção entre idosos sofreu elevações, o que evidencia a necessidade de foco nesta população (BRASIL, 2017).

O HIV pode vir a ser transmitido por via sexual, sanguínea, parenteral e por transmissão ocupacional (BRASIL, 2015). A forma predominante de transmissão deste em idosos frequentemente tem acontecido por via sexual e, com a desmistificação do sexo na terceira idade, os familiares e profissionais de saúde devem atentar para medidas de prevenção (ARAÚJO *et al.*, 2007).

Desde 1986, com a criação do Programa Nacional de DST/AIDS, o Brasil tem desenvolvido estratégias para a prevenção das IST, entretanto, muito pouco se fez em relação à população de idosos. A escassez de estudos epidemiológicos e campanhas de prevenção, somados à ampliação do período sexual ativo, processos fisiológicos do envelhecimento e aspectos comportamentais, têm refletido na incidência de IST e AIDS nos idosos (DORNELAS NETO *et al.*, 2015).

O idoso, nos últimos anos, tem constituído foco de preocupação quanto ao aumento da incidência de casos de HIV/AIDS. Estudos focados na investigação do comportamento sexual em indivíduos idosos apontam menor conscientização quanto aos fatores de risco e estratégias de prevenção (VIANA *et al.*, 2017).

No Brasil, a incidência de HIV/AIDS em idosos é ascendente, segundo o Boletim Epidemiológico HIV/Aids 2019. O que torna necessário ampliar estudos sobre a temática sabendo que o idoso com HIV tem maior risco de comorbidades, que ocorrem com até quatro vezes acima maior frequência neles do que entre pessoas não infectadas (BRASIL, 2018).

Diante da progressiva tendência de aumento do número de casos de AIDS em idosos, mostra-se necessário avaliar os aspectos epidemiológicos desta população no Brasil. A presente pesquisa tem como objetivo geral descrever o perfil epidemiológico de idosos diagnosticados com AIDS no Brasil no período de 2010 a 2019.

METODOLOGIA

Realizou-se um estudo do tipo transversal e descritivo com dados secundários, cuja população-alvo foi constituída por idosos (idade a partir dos 60 anos) que foram diagnosticados com AIDS entre os anos de 2010 e 2019, sendo dados consolidados até 30.06.2019.

Os dados foram obtidos a partir do banco do Ministério da Saúde (DATASUS/MS) e Informações de Saúde –TABNET, na aba de Epidemiologia e Morbidade, sessão de Casos de Aids a partir do ano de 1980, cujos dados são alimentados pelos seguintes sistemas: Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), Sistema de Informação de Mortalidade (SIM) e Sistema de Controle de Exames Laboratoriais - SISCEL. Como se trata de dados públicos, a pesquisa dispensou autorização de Comitê de Ética e Pesquisa, por não representar risco a população estudada.

As informações foram analisadas de forma absoluta e percentual, apresentadas descritivamente e com uso de gráficos e tabelas, armazenados no Programa Microsoft Excel® 2013, o que possibilita uma fácil compreensão dos resultados encontrados.

Foram analisadas variáveis relativas ao sujeito (sexo, cor, escolaridade, faixa etária em intervalos de 60-69, 70-79, 80 e mais) e correlacionadas às notificações de AIDS: categoria de exposição ao vírus HIV hierarquizada (forma pela qual o indivíduo notificado com aids adquiriu o vírus HIV): sexual (heterossexual, homossexual e bissexual); sanguínea (usuário de drogas injetáveis - UDI, transfusão sanguínea, hemofílico e acidente com material biológico) e transmissão vertical. No período estudado (2010 a 2019), bem como a distribuição dos casos segundo a região de residência do idoso e origem dos dados (SINAN, SIM, SISCEL).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos últimos 10 anos foram diagnosticados 19.373 casos de AIDS em idosos nas faixas etárias de 60-69, 70-79 e 80 anos e mais no Brasil. É válido pontuar que, de maneira geral, a distribuição dos casos sofreu discreto aumento ao longo dos anos e 2018 caracteriza-se como o período com mais registros (2350 casos). Entretanto, em contraposição aos anos anteriores, 2019 destaca-se como o ano em que houve o menor número de casos registrados em todos os anos (880 casos), entretanto, esse número também está associado ao fato dos dados terem sido computados apenas até o mês de junho.

Na figura 1 é descrita a distribuição percentual dos casos de acordo com a faixa etária nos anos estudados. Percebe-se assim que o intervalo de idade entre 60 e 69 anos representou significativamente a maior percentagem dos registros totais (80,3%) ao longo de todos os anos. Tal resultado coincide com a maioria dos estudos sobre o tema, concordando com os achados do estudo de Girondi et al. de 2012, e de Silva et al. em 2017, nos quais também foi apontada como a faixa etária mais acometida pela AIDS.

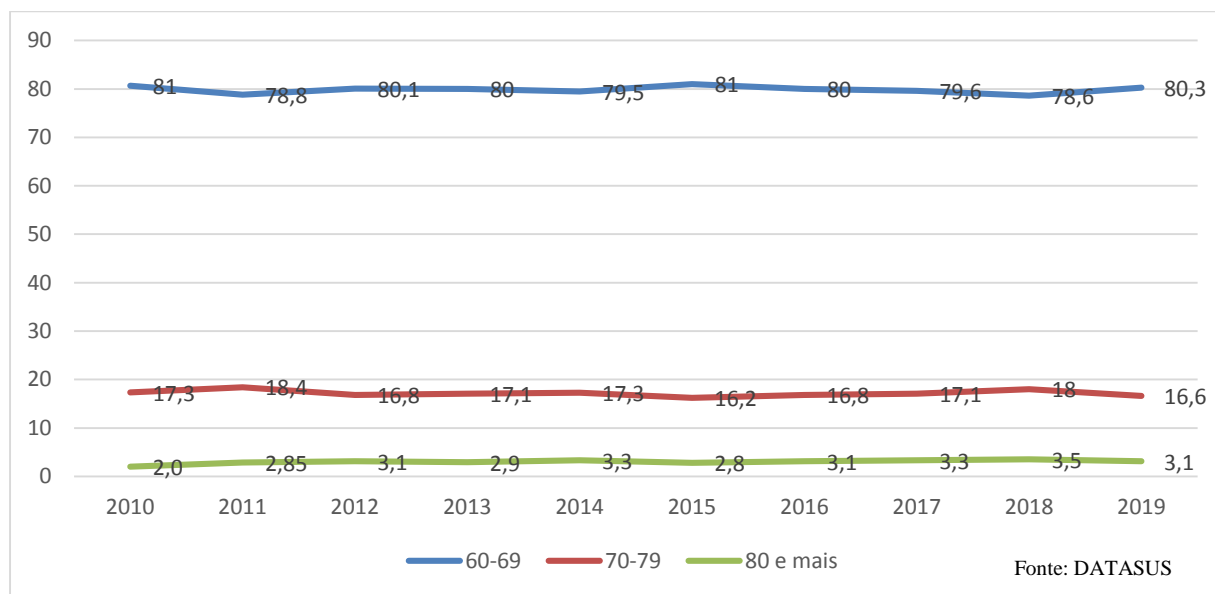


Figura 1- Percentual de frequência de diagnósticos de AIDS em idosos segundo faixa etária e ano. De 2010 a 2019.

Com a melhoria da expectativa de vida e, conseqüentemente, o aumento da atividade sexual entre os maiores de 60 anos, o que antes era visto como uma doença específica de adultos jovens e pessoas com comportamento de risco, hoje, atinge qualquer indivíduo. Tal dinâmica gerou uma mudança na tendência dos casos, em que, enquanto há queda ou estabilização em todas as faixas etárias, àqueles com mais de 50 anos de idade são uma exceção (SOUSA, SUASSUNA e COSTA, 2009). Esse comportamento pode ser explicado, por questões socioeducativas e econômicas quanto ao uso de preservativos e também pelo ideário errôneo que alguns idosos possuem: por estarem em uma idade mais avançada, automaticamente essa realidade isenta-os de adquirir quaisquer doenças infecciosas (SILVA *et al.*, 2017).

Na tabela 1 é apresentada a distribuição percentual segundo faixa etária e sexo. Observa-se que o sexo masculino representou a maioria dos registros em todas as faixas etárias do período estudado (61% dos casos totais), com maior predominância na faixa dos 60 aos 69 anos, conforme já apontado na figura 1. Esse achado também é comum aos resultados obtidos em

estudos de Sousa, Suassuna e Costa, de 2009, e de Ultramari *et al.*, de 2011, em que evidencia-se que o número de homens com HIV/AIDS é superior ao de mulheres. De maneira geral, os resultados do presente estudo corroboram os achados de pesquisas nas quais os números de pessoas do sexo masculino com AIDS são superiores aos de sexo feminino.

Tabela 1 - Percentual de frequência de diagnósticos de AIDS em idosos segundo sexo e faixa etária.

Sexo	60-69		70-79		80 e mais		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Masculino	9.332	60	2.138	64	389	66	11.859	61
Feminino	6.129	40	1.186	36	198	34	7.513	39
Em Branco	1	0	0	0	0	0	1	0
TOTAL	15.462	100	3.324	100	587	100	19.373	100

Fonte: DATASUS

Para melhor análise dos dados, na figura 2 é apresentada a distribuição percentual dos diagnósticos de AIDS segundo escolaridade. No entanto, é importante afirmar que o total registrado dessa variável contabilizado no banco de dados é de 9056 casos. A suposição é de que os demais 10,317 registros referem-se à categoria de ignorados, a qual não consta quando feita a pesquisa. De toda forma, por se tratar de uma variável importante para a delimitação do perfil epidemiológico da população-alvo estudada, a variável escolaridade é descrita de forma percentual conforme os dados ofertados. Assim, observa-se que os indivíduos com ensino fundamental incompleto perfazem os maiores índices do período estudado, com ênfase àqueles que estudaram da 1^o até a 4^o série. Essa informação também é evidenciada na pesquisa de Ozuno *et al.*, em 2012, ao apontar que o maior grupo de diagnosticados pelo HIV possuía ensino fundamental incompleto.

Interessante constatar que o percentual de indivíduos com ensino médio completo é maior que o de não-alfabetizados, o que pode desmistificar a ideia de contaminação justificada apenas pela falta de informação. Apesar desse achado, essa é uma constatação atípica, uma vez que relatórios da ONU indicam que o acesso à educação ainda está ligado à diminuição de comportamentos de risco.

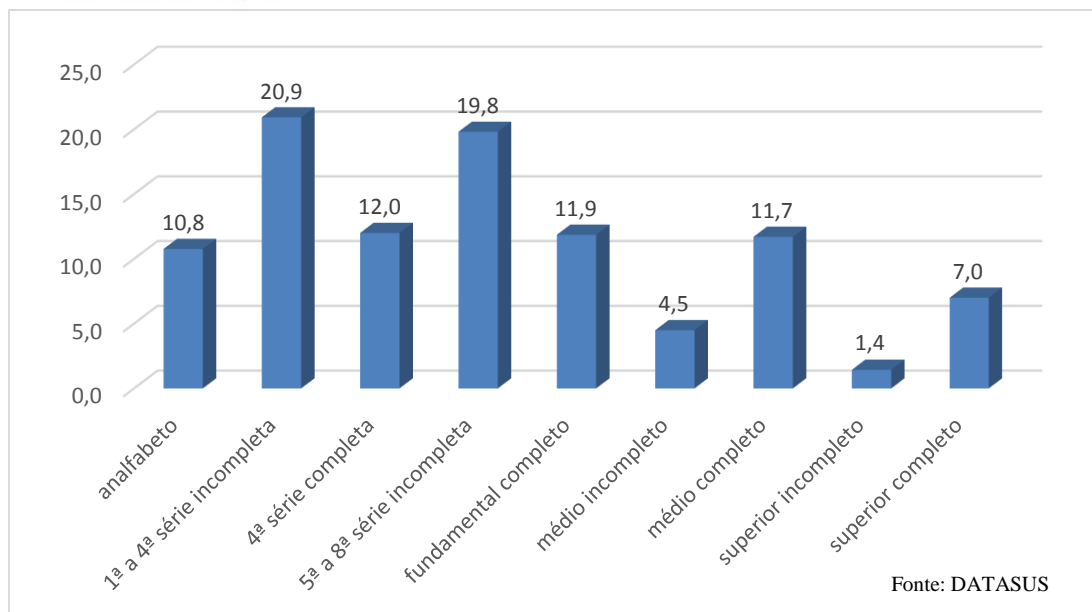


Figura 2 – Distribuição percentual de frequência de diagnósticos de AIDS em idosos segundo escolaridade. De 2010 a 2019.

A tabela 2 refere-se ao recorte quanto à raça/cor. A priori, é salutar perceber que os dados sem informações figuram na primeira colocação, em que 39,2% dos registros foram ignorados. De tal forma que essa constatação pode supor uma alta taxa de subnotificação, o que dificulta um delineamento mais fidedigno quanto à variável pesquisada. Além disso, observa-se que indivíduos de cor branca elencaram a segunda posição (31,2%), seguidos de pardos (22,6%). Essa informação coincide com o estudo de Toledo et al., em 2010, em que a cor branca seguida da cor parda perfizeram os maiores índices em pessoas diagnosticadas com HIV com mais de 50 anos. Silva *et al.* ao descrever o panorama epidemiológico da AIDS de idosos em 2018 também encontra como maioria em seu estudo, pessoas brancas como as mais acometidas pela síndrome.

No entanto, conforme Brustolin, Lunardi e Michels afirmam, em 2014, quando a análise é relacionada à variável cor, o Brasil é um país com grande miscigenação. Portanto, é válido lembrar que traçar um perfil epidemiológico consistente, tanto referente à raça como à cor, no Brasil, e por intermédio dos bancos de dados já existentes, é um desafio devido à precariedade de informações e ao grande número de casos ignorados quanto a essas variáveis. Assim, essa reflexão endossa a presente pesquisa e enfatiza a necessidade de maior transparência e registros adequados referentes à essa questão.

Tabela 2 - Percentual de frequência de diagnósticos de AIDS em idosos segundo raça/cor. De 2010 a 2019

Raça/cor	Frequência	
	N	%
Branca	6.051	31,2
Preta	1.245	6,4
Amarela	67	0,3
Parda	4.379	22,6
Indígena	44	0,2
Ignorado	7.588	39,2
TOTAL	19.374	100,0

Fonte: DATASUS

Na tabela 3 apresenta-se a distribuição absoluta e percentual por categoria de exposição e sexo. Identifica-se que a categoria de exposição heterossexual foi a mais frequente entre os idosos, com maior representação entre os homens, conforme anteriormente discutido. Esses resultados também são encontrados nos estudos de Silva et al. 2008 e também no de Toledo et al., 2010. Assim, evidencia-se que a prática sexual desprotegida, assim como nas demais faixas etárias, ainda é a principal via de transmissão entre idosos (JESUS *et al.*, 2014).

Tabela 3 - Frequência por categoria de exposição hierarquizada segundo sexo.

Categoria de exposição	Homossexual		Bissexual		Heterossexual		UDI		Hemofílico		Transfusão		Acid. Material Biológico		Transmissão Vertical		Ignorado	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Masculino	638	91,4	442	97,4	4.638	53	84	82,4	2	100	4	50	0	0	22	46,8	6.029	65
Feminino	60	8,6	12	2,6	4.100	47	18	17,6	0	0	4	50	1	100	25	53,2	3.293	35
Em Branco	0	0	0	0,0	0	0	0	0,0	0	0	0	0	0	0	0	0,0	1	0
TOTAL	698	100,0	454	100,0	8.738	100	102	100,0	2	100	8	100	1	100	47	100,0	9.323	100

Fonte: DATASUS

Podemos observar que o maior número de casos se concentrou na região Sudeste do país (41,3%), seguido do Sul (25%) e Nordeste (19,1%). Em um estudo que analisou entre 1990 a 2003, o maior número de casos diagnosticados foram também nas regiões Sudeste e Sul em todos

os anos da série (SOUSA; SILVA; MONTARROYOS, 2007). Corroborando com Godoy *et al.*, 2008, que a AIDS em idosos prevaleceu nas regiões mais desenvolvidas do país. Porém, é importante lembrar que a região Sudeste é a maior em densidade populacional no Brasil, seguido do Nordeste (IBGE, 2010). E, apesar de existir estreita correlação entre indicadores socioeconômicos desfavoráveis e aumento da incidência do HIV/ AIDS, segundo Miranda-Ribeiro *et al.*, 2010, o Nordeste não liderou em número de infectados.

No tocante a origem dos dados, o percentual foi distribuído nas colunas da tabela, a fonte de dados que mais notificou foi o SINAN (65,5%), seguido do SISCEL (22,3%) e SIM (12,3%). De acordo com UNAIDS, até junho de 2019, 24,5 milhões de pessoas que viviam com HIV tinha acesso à terapia antirretroviral, o que pode estar associado a diminuição da mortalidade relacionada à AIDS em 55% desde o pico em 2004 em todo o mundo (UNAIDS, 2019). Por isso, a maioria dos dados são notificados no SINAN e CISCEL, pois nos dias de hoje a sobrevivência de pacientes diagnosticados com AIDS é maior, uma vez que o SIM registra dados referentes à mortalidade.

Tabela 4 - Frequência de diagnósticos de AIDS em idosos segundo Origem dos dados e Região de residência. De 2010 a 2019.

Origem dos Dados	Região Norte		Região Nordeste		Região Sudeste		Região Sul		Região Centro-Oeste		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
SINAN	855	56,7	2.388	65	4.975	62	3.548	73	918	68,7	12.684	65,5
SIM	237	15,7	461	12,5	1.118	14	417	8,6	145	10,8	2.378	12,3
SISCEL	415	27,5	848	22,9	1.901	24	874	18,1	274	20,5	4.312	22,3
TOTAL	1.507	100	3.697	100	7.994	100	4.839	100	1.337	100	19.374	100,0
%	7,8		19,1		41,3		25,0		6,9		100	100,0

Fonte: DATASUS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permitiu descrever o perfil epidemiológico de idosos diagnosticados com AIDS no Brasil no período de 2010 a 2019. Nos anos estudados foram diagnosticados 19.373 casos de AIDS em idosos. Quanto à incidência regional, as regiões Sudeste e Sul representaram a maioria dos registros. O SINAN foi a fonte de dados que mais notificou durante o período pesquisado.

O perfil epidemiológico concorda com outras pesquisas sobre a temática. Indivíduos do sexo masculino representam significativamente os casos em todas as faixas etárias estudadas, com ênfase no intervalo de idade entre 60 e 69 anos, em que a categoria de maior exposição foi entre os heterossexuais. Em relação às variáveis escolaridade e raça/cor foi visto que os indivíduos com ensino fundamental incompleto perfazem os maiores índices de casos, e os de cor branca seguidos dos pardos estão em maioria na pesquisa. Todavia, é relevante alertar para o elevado percentual de dados ignorados quanto à variável raça/cor, além de uma defasagem no número de registros referidos à escolaridade no banco de dados. Tais condições dificultam o delineamento epidemiológico adequado dos idosos com AIDS no Brasil durante o período estudado.

Assim, o presente estudo pode servir como instrumento para fornecer dados atualizados eficientes para orientar profissionais e serviços de saúde voltados ao idosos portadores de AIDS. Outrossim, surge a necessidade do desenvolvimento de políticas públicas e ações com foco em prevenção e promoção de saúde que garantam maior qualidade de vida aos idosos para que, assim, seja possível garantir que a população longeva, com conhecimento e empoderamento, possa experimentar a sexualidade de forma plena e, sobretudo, segura.

REFERÊNCIAS

AFFELDT, A. B.; SILVEIRA, M. F.; BARCELOS, R. S.. Perfil de pessoas idosas vivendo com HIV/aids em Pelotas, sul do Brasil, 1998 a 2013. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 79-86, Mar. 2015. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222015000100079&lng=en&nrm=iso>. access on 16 July 2020. <https://doi.org/10.5123/S1679-49742015000100009>.

ALENCAR, D. L. *et al.* Fatores que interferem na sexualidade de idosos: uma revisão integrativa. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 8, p. 3533-3542, ago. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232014000803533&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 01 jul. 2020. <https://doi.org/10.1590/1413-81232014198.12092013>.

ARAÚJO, V. L. *et al.* Características da AIDS na terceira idade em um hospital de referência do estado do Ceará, **Rev. Epidemiol.** v.10, n.4, p.544-554, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Acesso a informação. **Doenças crônicas e infecções sexualmente transmissíveis**. 2018. Disponível em : <http://www.aids.gov.br/pt-br/noticias/audiencia-publica-debate-hivaids-na-populacaoidosa#:~:text=Segundo%20o%20Boletim%20Epidemiol%C3%B3gico%20HIV,taxa%20era%20de%209%20casos.>

BRASIL. Ministério da Saúde. **Programa Nacional de DST/AIDS**. Boletim Epidemiológico. 2015. Disponível em: http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2015/58534/boletim_aids_11_2015_web_pdf_19105.pdf

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde de A a Z. AIDS**. Acesso em 05.07.2020. Disponível em: <https://saude.gov.br/saude-de-a-z/aids-hiv>

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Envelhecimento e saúde da pessoa idosa** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica – Brasília : Ministério da Saúde, 2006.)

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico HIV/AIDS**, 2017. Disponível em: <http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2017/janeiro/05/2016_034-Aids_publicacao.pdf>.

BRUSTOLIN, J. , LUNARDI, T. E, MICHELS, N. M. Perfil do idoso com AIDS no Brasil. **Revista Geriatria & Gerontologia**, 2014.

DORNELAS NETO, J. *et al.* Doenças sexualmente transmissíveis em idosos: uma revisão sistemática. **Ciênc. saúde coletiva**, v.20, n.12, 2015.
em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=10&uf=00>. Acesso em: 03 jul.

GIRONDI, J. B. R. *et al.* Perfil epidemiológico de idosos brasileiros que morreram por síndrome da imunodeficiência adquirida entre 1996 e 2007. **Acta paul. enferm.** vol.25 no.2 São Paulo, 2012.

GODOY, V. S. *et al.* O perfil epidemiológico da aids em idosos utilizando sistemas de informações em saúde do databus: realidades e desafios. **DST – J bras Doenças Sex Transm** 2008; 20(1): 7-11

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em : <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=10&uf=00>

JESUS, S.M.C. *et al.* Características dos idosos com HIV/AIDS notificados no Estado do Maranhão. **Rev Pesq Saúde**, v. 15, n. 2, p. 276-279, 2014.

MIRANDA-RIBEIRO, P. *et al.* [Pro les of female vulnerability to HIV/AIDS in Belo Horizonte and Recife: a comparison of white and black/mixed women]. **Saude Soc.** 2010;19 (Suppl 28. 2):21-35. Portuguese.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV-AIDS. **A ONU e a resposta à aids no Brasil**. 2a ed. [Internet]. Brasília(DF): UNAIDS [citado 2011 Dez]. Disponível em: <http://www.unaids.org.br/biblioteca/Folder%20A%20ONU%20e%20a%20Resposta%20E0%20aids%20no%20Brasil%20AA%20Edi%E7%E3o%20FINAL.pdf>

OKUNO, M. F. P. *et al.* Conhecimento e atitudes sobre sexualidade em idosos portadores de HIV/AIDS **Acta Paul Enferm.** 2012;25(Número Especial 1):115-21.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Relatório mundial de envelhecimento e saúde**. 2015. WHO/FWC/ALC/15.01 Disponível em: <https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>

SILVA, J. D. B. *et al.* Vulnerabilidade às infecções sexualmente transmissíveis/ aids em idosos. **Revista UNINGÁ** V.53,n.1,pp.19-24 (Jul - Set 2017).

SILVA, B. N. *et al.* Panorama epidemiológico da AIDS em idosos. **HYGEIA**, ISSN: 1980-1726 **Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde - Hygeia** 14 (29): 80 - 88, Setembro/2018. Disponível em :<http://www.seer.ufu.br/index.php/hygeia>

SILVA, S. F. R. *et al.* Aids no Brasil: uma epidemia em transformação. **Rbac**. v.42, n.3, p.209-212, 2010.

SOUSA, A. C. A., SUASSUNA, D. S. B., COSTA, S. M. L. Perfí Clínico-Epidemiológico de Idosos com Aids DST - **J bras Doenças Sex Transm** 2009: 21(1): 22-26

SOUSA, J. L.; SILVA, M. D. P.; MONTARROYOS, U. R. Tendência de AIDS no grupo etário de 50 anos e mais no período anterior e posterior à introdução de medicamentos para disfunção erétil: Brasil, 1990 a 2003. **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de Janeiro , v. 10, n. 2, p. 203-216, Aug. 2007 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232007000200203&lng=en&nrm=iso>. access on 16 July 2020. Epub Dec 13, 2019. <https://doi.org/10.1590/1809-9823.2007.10026>.

TOLEDO, L.S.G. *et al.* Características e tendência da AIDS entre idosos no Estado do Espírito Santo. **Rev. Soc. Bras. Med. Trop.** vol.43 no.3 Uberaba May/June 2010 <http://dx.doi.org/10.1590/S0037-86822010000300010>

ULTRAMARI, L. *et al.* Perfil clínico e epidemiológico da infecção pelo HIV/aids em idosos. **Rev. Eletr. Enf.** [Internet]. 2011 jul/set;13(3)405-12. Available from: <http://www.fen.ufg.br/revista/v13/n3/v13n3a05.htm>.

UNAIDS- **Estatísticas sobre AIDS**. Disponível em: <https://unaids.org.br/estatisticas/>.

VIANA, P. A. S. *et al.* Aspectos epidemiológicos, clínicos e evolutivos da AIDS em idosos no Norte do Ceará. **Sanare**. v.16, n.2, p.31-36, 2017.